STONE, ALISON. **Being Born: Birth and Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2019. ISBN: 978-0-19-884578-2

Elton Vitoriano Ribeiro *

Os estudos em Teoria Feminista, Filosofia Feminista e Teologia Feminista estão crescendo. A Editora da Universidade de Oxford, por exemplo, possui uma importante coleção intitulada “Studies in Feminist Philosophy Series”. Os debates suscitados pela Feminist Philosophy são instigantes e extremamente importantes para o pensamento contemporâneo. Temas como a natureza do sexo, gênero e corpo. A relação entre gêneros, sexualidade e diferença sexual. A pergunta pela existência ou não de algo que todas as mulheres possuam em comum e apenas elas. O lugar do feminino na vida humana, nas sociedades, na política, no mercado de trabalho, nas várias culturas, nas religiões e na constituição fundamental do ser humano. Estes e outros temas são frutos desta reflexão proporcionada pelo pensamento feminista que se desenvolveu fortemente a partir dos anos 60. Mais recentemente, um tema que ganha espaço nesta discussão é a pergunta pelo nascimento e sua centralidade na existência humana. Sobre este assunto a Professora Alison Stone escreveu o livro que, aqui, comentarei em suas grandes linhas.

A Professora Alison Stone é professora de filosofia no Reino Unido, na Lancaster University. Autora de vários livros e artigos, vale destacar a excelente introdução ao tema do feminismo, “An Introduction to Feminist Philosophy (2007”, e um ensaio abrangente da Filosofia Feminista em sua aproximação com a

Resenha recebida em 04 de agosto de 2020 e aprovada em 28 de fevereiro de 2021.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG). Professor de filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). País de origem: Brasil. E-mail: eltonvitoriano@gmail.com

Psicanálise em “Feminism, Psychoanalysis, and Maternal Subjectivity (2011). A Professora Alison Stone defende que as mulheres devem filosofar, numa perspectiva feminista, com a finalidade de reinterpretar, criticar e reavaliar as ideias da filosofia tradicional a partir de uma estrutura feminista de pensamento. Assim, será possível uma reinterpretação de textos e métodos filosóficos, enriquecendo-os com a perspectiva feminista. As influências e perspectivas da professora são muitas, desde a filosofia europeia continental, especialmente a alemã de Kant, Hegel e Schelling; até a literatura com Shakespeare e Clarice Lispector. As autoras presentes em seus textos são muitas: Amy Allen, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Judith Butler, Adriana Cavarero, Nancy Fraser, Carol Gilligan, Lisa Guenther, Luce Irigaray, Julia Kristeva, Iris Marion Young, entre outras, além do Grupo Italiano de Filosofia Feminina Diotina. Alguns dos principais pensadores presentes em seus textos são: Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger, Soren Kierkegaard, Emanuel Levinas, Maurice Merleau-Ponty, e Alasdair MacIntyre. A partir deste universo dialogal a Professora Alison Stone escreveu, em 2019, *Being Born: Birth and Philosophy* (Nascendo: o nascer e a filosofia).

O instigante texto da Autora, agora comentado, quer refletir sobre uma “Filosofia do Nascer”. Historicamente, os filósofos concentraram sua atenção sobre o morrer. Nossa mortalidade revela os caminhos de nossa finitude existencial. Assim, muitas das perguntas fundamentais, sobre a vida, o bem, o mal, a sociedade, o amor, etc., são lidas a partir deste fim inexorável que é nosso morrer. Mas, logo no início do texto a Autora deixa bem claro que todos os seres humanos começam suas vidas nascendo, e todos os seres humanos encerram suas vidas morrendo. O nascer e o morrer estão fundamentalmente unidos. No entanto, os filósofos disseram pouquíssimo, com algumas raras exceções, como, por exemplo, Hanna Arendt, sobre o nascer. Aqui está o ponto de investigação da Autora, explorar qual o significado existencial do nascer. Qual o significado fundamental do nascer na estrutura de sentido da existência humana no mundo.

Mas, em que consiste, existencialmente, o nascer? O nascer lança sempre luzes sobre a nossa mortalidade, mas também, sobre a nossa dependência uns dos outros na temporalidade da vida humana. De modo especial, o nascer lança luzes sobre a estrutura fundamental de nosso existir num certo tempo, num mundo histórico, com um corpo específico, num determinado lugar, com determinadas relações, numa situação social, cultural e histórica específicas. Nestes processos humanos, o nascer possuiu muitos sentidos. Nascer é sair do útero da pessoa que me gerou, minha mãe. Por isso mesmo, nascer é reconhecer minha dependência radical e fundamental com minha mãe. Uma dependência que se prolonga no cuidado que recebo. Cuidado físico e emocional. Cuidado, socialmente convencionado, como sendo primeiramente recebido pela mãe. Mas que depois é alargado, além do útero materno, além do colo materno, para um processo contínuo de nascer. Processo que, psicologicamente, começa na infância, mas se estende por toda a vida humana, de maneiras diferentes, mas sempre tendo como início o ser gerado e cuidado no útero de nossas mães. Assim, nascer é um evento entranhado no corpo feminino. Esta dependência inicial foi muitas vezes subestimada pelos filósofos sempre preocupados com a autonomia do agente racional, esquecendo que somos, fundamentalmente, animais racionais dependentes. O livro em questão quer refletir sobre esta nossa dependência como sendo, profundamente, vinculada aos processos de natalidade.

Alguns pontos são importantes de serem destacados para mostrar as direções das discussões levantadas pela Autora. Para ela, nascemos nas relações. Somos seres com os outros no mundo. Nossa identidade, nossa personalidade, nosso caráter, nossos desejos, nossas crenças, nossa linguagem, são sempre relacionais e os adquirimos, constantemente, a partir do nascer. Nascemos em inescapáveis situações e horizontes de interpretação. Situações históricas, sociais, étnicas, geográficas. Nascemos com um gênero, uma raça, numa classe econômica, numa posição social e, especialmente, dentro de relações sociais de poder. Nascer é ser vulnerável de várias maneiras. Às vezes nascemos com incapacidades que marcam profundamente nossas vidas. Mas, para todos nós, nascer é ser radicalmente contingente. A partir destes pontos, a Autora vai refletir e argumentar

sobre as implicações éticas desta realidade, olhando especialmente para a diferença sexual que nos constitui, para a posição feminina e a identidade feminina, para as situações de poder matriarcal existentes em nossas sociedades, para a figura da mãe, e para a transformação do corpo feminino com a gravidez.

O nascer e a natalidade na filosofia feminina é o tema do primeiro capítulo. Para a autora, precisamos rememorar as origens da maternidade. Historicamente, a tradição dominante de filósofos sempre interpretou a maternidade a partir do modelo masculino. Isto levou a um esquecimento do corpo materno e de tudo o que está envolvido no nascer de uma mulher. Muitas vezes, como em algumas leituras da Alegoria da Caverna de Platão, a existência intrauterina foi interpretada como sendo constituída negativamente, como numa caverna escura, isolada, sem relação com a vida que aconteceria depois do nascimento. Para a Autora, a identidade feminina inclui a necessidade de uma concepção positiva do corpo materno, do útero materno e de nossas origens maternas. Este esquecimento, na argumentação da Autora, levou a uma cultura da morte e da violência. O olhar materno nos ajuda a perceber que nascer não é apenas estar fisicamente saindo do corpo feminino de nossa mãe e entrando no mundo. Nascer é tornar-se carne, ser encarnado. Mas, também, o nascer é carregado de significados para nossa existência como seres de relações e herdeiros de uma imensa rede tecida de significados. Para a Autora, em cada nascimento de uma nova criança, novas possibilidades nascem, novas liberdades e novas criatividades se constituem. As potencialidades geradas por cada nascimento, por cada criança, possuem a força de ajudar a fazer do mundo histórico um mundo melhor.

O segundo e o terceiro capítulos apresentam discussões que se complementam. História, herança e vulnerabilidade é o tema do segundo capítulo. O terceiro capítulo, por sua vez, aborda a dependência, as relações, o poder e a situação. A argumentação nestes capítulos continuam e aprofundam os temas anteriores. O ponto de partida é sempre o mesmo, que vai sendo enriquecido com novas aproximações teóricas. Aqui, a autora nos lembra que todos nós nascemos de uma mulher, nossa mãe, e nascemos vulneráveis. Temos uma história da qual

somos herdeiros. Temos uma vulnerabilidade essencial que nos acompanhará a vida toda. Nascer, portanto, é receber uma herança tecida de significados e envolvida pelos outros. Tudo isso, na fragilidade fundamental de nossa carne.

Nossa vulnerabilidade é constitutiva de nossa estrutura fundamental. Mas, é uma vulnerabilidade, na maioria das vezes, cuidada pela nossa mãe. Todos temos uma origem maternal. Este processo de cuidado sofre uma mudança ao longo do tempo. Começamos, desde o nascer, a viver um processo psicológico de diferenciação pós-natal. Do corpo de nossa mãe, passamos para suas mãos. Este é o primeiro e essencial relacionamento que, como seres que somos, nos marca profundamente. Casos como barriga de aluguel, adoção, abandono, pais homossexuais e outras realidades contemporâneas, são discutidos pela Autora neste capítulo. Mas, em todas as abordagens, surge a pergunta pela figura da mãe, que histórica e socialmente, possui um lugar fundamental em nosso nascer. Neste processo, do nascer, a figura da mãe é abordada numa rica pluralidade de funções: a ovulação, a gestação, o parto, a amamentação, o cuidar. Ora, se essencialmente todos somos nascidos de uma mulher, todos nascemos sexuados. Aqui, a autora discute o nascer sexuado como nascer macho ou fêmea, mas, também, o nascer intersexuado, questão tão discutida atualmente.

Ao nascer recebemos como herança um horizonte de significados e valores, de relações e determinações, de práticas e linguagens. Somos seres encarnados e com necessidades. Habitamos no mundo e estamos em constante relação com tudo e todos. Mas, nossas relações são marcadas e definidas por situações sociais e políticas. Estruturas sociais, distribuição de poder, desigualdades sociais, pobreza, abusos, doenças, miséria, também, tristemente, fazem parte de nossas vidas. Por isso mesmo, várias e instigantes questões éticas surgem deste nascer numa determinada situação. Especialmente, no nosso caso, ou seja, no caso dos humanos que são seres altriciais. Seres altriciais, segundo os etnologistas, são seres que possuem um padrão de crescimento e desenvolvimento incapazes de se moverem por si mesmo logo após o nascimento. Esta vulnerabilidade essencial é fonte de cuidados, mas também, de perigos. Estes somos nós. Somos indeterminados, seres

radicalmente abertos, num mundo já constituído, mas modificado constantemente pela cultura. Nascemos numa cultura e somos seres culturais. Somos criadores de culturas, por isso mesmo, criadores de significados que tornam para nós nossa segunda natureza. Aqui, a autora entende a cultura num sentido amplo, como lugar de relações, dependências e poder. É numa cultura concreta que vivemos nossa busca ética e política de independência, autonomia e florescimento. Busca encarnada e vivida, ao nascermos, em nossos corpos, nosso gênero, nossa raça, nossa classe social, nossa história, nosso lugar específico nas relações familiares e sociais, nossa geografia, ou seja, nossa cultura.

A contingência radical do nascer, a ansiedade do nascimento e a relação entre natalidade e mortalidade, constituem os capítulos quatro, cinco e seis do livro. Aqui a autora aprofunda o caminho feito a partir de algumas perguntas fundamentais. Por que nasci como este indivíduo particular? Por que é essa vida que estou vivendo? Quais são as condições reais de liberdade? Como minhas experiências, como meu corpo, como minhas circunstâncias explicitam a contingência que eu sou? A partir destas e outras perguntas surge a discussão sobre facticidade e liberdade, escolhas e valores, horizontes de interpretação e relações humanas. Num grande mosaico, a autora articula uma excelente argumentação sobre o nascer e a posterior necessidade de articular as experiências vividas no passado a fim de orientar minha vida em direção a um futuro grávido de florescimento humano e social.

Finalmente, no último capítulo, à guisa de conclusão, a autora trata da temporalidade, do dom e do nascer. Nascer implica olhar a temporalidade de nossas experiências vividas e, de modo especial, a experiência fundamental de nosso próprio nascimento do corpo de uma mulher. Neste sentido, nascer é receber um dom, o maior de todos, o dom de si mesmo. Recebemos este dom de nossa mãe, mas também de nosso pai, ou melhor, de nossos genitores. Somos seres de doação, porque doados a nós mesmos. Claro, aqui a autora também abordará a imensa variedade de significados da maternidade e da paternidade na cultura contemporânea. No entanto, este ser doado a nós mesmo, no tempo, é a estrutura

fundamental que dá o contorno, o quadro de referências, para todas as nossas experiências posteriores. Somos, primeiramente e fundamentalmente, um dom. E este dom torna-se realidade, torna-se carne, no nascer. Nascer, portanto, é o mais fantástico e fundamental evento da existência humana no mundo.